

ENTREVISTADO O SEU DIRECTOR, SR.  
CARLOS BETTENCOURT FARIA, PELO  
JORNALISTA MOÇAMBICANO OCTAVIO  
RODRIGUES DE CAMPOS, ESPECIAL-  
MENTE PARA O JORNAL DE PORTUGAL

Após breve estada em Moçambique onde proferiu uma conferência na sociedade de estudos, partiu para Luanda o director do observatório da Mumbemba, sr. Carlos Bettencourt Faria, com quem já tínhamos estado durante a nossa permanência em Angola.

Ao chegar a Lourenço Marques vindo de Johannesburg, Carlos Bettencourt não escondeu a sua surpresa pelos en-

cantos urbanísticos que a capital encerra com suas amplas avenidas e blocos de edificios que parecem querer abraçar os céus. Disse-nos: "Moçambique tem realmente uma outra dimensão quanto a Angola".

#### ASSOCIAÇÃO FUNDADA

"Desde "mundo" que senti a paixão pelas questões radioeléctricas e muito jovem ainda,

# EU VI O PORTUGAL AFRICANO

## IV — LOBITO

*Ives Gandra da Silva Martins*

Há dias, li no "Correio da Manhã", um artigo assinado pelo jornalista Otto Maria Carpeaux em que criticava, com grande violência, o que sua ignorância sobre assuntos africanos denominava de o império colonialista português.

Não pretendo analisar no presente artigo sobre uma realidade que eu vi e ele não viu, a figura do seu autor, que depois de uma série de frustrações nos diversos campos em que se aventurou, termina a sua vida, na mediocridade de um jornalismo sem horizontes para não dizer desorientado em que busca, como crítico, transferir para os outros as críticas que a sua vaidade não lhe permite fazer a si mesmo.

Pretendo isto sim, rapidamente, mostrar que o chamado império colonialista português, não é nem império e nem colonialista, mas sim o próprio Portugal, numa outra surpreendente dimensão.

Ao criticar Portugal para elogiar o que chama de "países civilizados", França, Inglaterra, Alemanha e outros, considera como civilização, nestes países, a sua cultura tradicional, em certos campos da vida intelectual e como falta de civilização em Portugal o fato de ainda existirem, em algumas regiões, analfabetos.

Não discutirei o problema do analfabetismo, que também existe na França, cuja existência constatei, pessoalmente, quando lá estudei durante 1 ano, já que o mal universal está sendo combatido, em todos os países, na medida de suas possibilidades financeiras, os países mais ricos com maiores êxitos, os países menos ricos e sujeitos às políticas de pressões e contra pressões económicas daqueles, com êxitos possíveis.

Discutirei, isto sim, um outro e mais válido conceito de civilização, que a França, Inglaterra e Alemanha deram bem a prova de ainda não terem aprendido, não obstante o correr do tempo e da cultura, e que os portugueses têm demonstrado, principalmente, no século em que vivemos, qual seja o espírito de fraternidade humana, de inexistência de preconceitos, de integração às regiões onde chegam, que faz a sua comunidade sempre muito mais interessada, nestes países, em erigir hospitais ou obras assistenciais que clubes de diversão ou sociais.

Este espírito é fundamental para compreender o ultramar português, que só é império e colonial nas imaginações daqueles que não o conhecem ou cuja má fé evidente a serviço ou não de interesses inconfessáveis, faz questão de assim denominar.

Como explicar, se não em função desta forma de viver, a permanência inercueta em Africa de um Portugal, que não possui nem armas modernas, nem a economia poderosa de países como a França, Inglaterra e Belgica?

Em verdade, a civilização, as armas e a economia daqueles países admirados pelo jornalista do "Correio da Manhã" não conseguiram o milagre que Portugal conseguiu sem armas, sem riquezas e sem "civilização".

Os exemplos do Congo Belga, que ainda hoje vive momentos de terrorismo intenso, da Africa do Sul, onde o negro é um animal evoluido, de Argélia, colada à França e onde tanto sangue foi derramado, enfim de todos os países africanos, onde a "civilização" dos países "civilizados", no dizer do jornalista, conseguiu apenas a eclosão de ódios, ai estão para serem apreciados.

Enquanto isto, o negro com quem o português integrou-se não estravasa rancor a Portugal, mas antes orgulha-se de ser português!!!

Se civilização for um conceito meramente literário de clubes académicos e onde os valores realmente humanos não contam, é preferível que Portugal continue fora de civilização, num sentido muito mais profundo de humanidade, que é o verdadeiro e aplicado sentido cristão da vida.

E neste sentido aplicado da vida cristã, Lobito é uma esplendida realidade do Portugal Ultramarino.

Lobito é uma cidade que conta, hoje, com aproximadamente 100.000 habitantes. Um clima adorável, uma baía encantadora, casas deliciosamente bem construídas, mesmo as mais simples, cujos proprietários recebem subsídios da Camara Municipal, um porto moderníssimo, por onde se escôa parte da exportação mineira de Angola, cinemas bonitos, principalmente o notavel Cine Flamingo, ao ar livre, hospitais, escolas por todos os lados e em tôdas as companhias, inclusive nas Igrejas, que servem, muitas vezes de salas de aulas, durante a semana, um povo feliz, alegre e acolhedor, um mar generoso e repleto de peixes que, às vezes dão à praia sozinhos, hotéis exemplares, prédios da Administração Pública numa arquitetura original, onde o clássico alia-se ao moderno de forma suave, enfim uma cidade paraíso, no tamanho ideal para viver-se bem, qualquer que seja a categoria social de seu habitante.

Nos serviços publicos em Lobito alguns são voluntarios. C do Corpo de Bombeiros, por exemplo, com resultados animadores. A limpeza da cidade é primorosa, dando, as vezes, um pouco de inveja aos paulistanos, que morando na cidade, que mais cresce no mundo, pagam o ónus deste crescimento em termos de ter sempre uma cidade desventrada.

O importante, todavia, para o brasileiro que chega a Lobito é ressaltar o extremo carinho que os portugueses de Lobito, qualquer que seja a sua côr ou crença religiosa ou politica têm pelo Brasil. Basta dizer que a Avenida que margeia a cidade à beira do Atlantico chama-se Brasil, porque exigiram os habitantes da cidade que tivesse o nome da pátria irmã que fica do outro lado do Oceano, em frente à Avenida!!!

Cheguei a Lobito pouco depois de lá ter estado a pianista brasileira Ivette Madaleno, cujo sucesso de sua arte só foi comparado ao amor e carinho que os habitantes da cidade dedicaram a sua "irmã brasileira".

Passêi dois dias na cidade, vindo de Gabela, em um avião da Cia do Caminho de Ferro de Benguela, e foram dois dias inesquecíveis, tendo a certeza que hoje aos meus irmãos daquela cidade retribuo em amor à sua obra o mesmo amor que demonstraram pela minha pátria.